

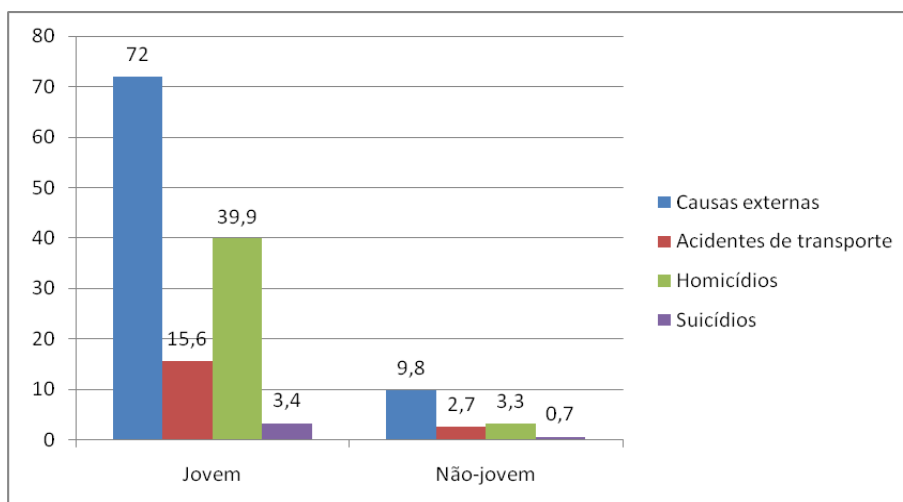
## 1.

## Cercando o tema e apresentando o problema: violência e vulnerabilidade das populações jovens nos centros urbanos

A relação entre a juventude e a violência na sociedade brasileira contemporânea pode ser examinada mediante o recurso a várias fontes de dados. Órgãos oficiais como Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e pesquisas universitárias como as desenvolvidas pela Laboratório da Violência da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Lav-Uerj) são exemplos de fontes atuais e confiáveis acerca do tema.

Segundo dados da Unesco as taxas de mortalidade mais elevadas por causas externas (óbitos por violência conjunta decorrentes de homicídios, suicídios, agressões e acidentes de trânsito) estão no grupo entre 15 e 24 anos. Deste modo, a juventude, exposta a violências externas, fruto da desigualdade socioeconômica, ou inserida em uma realidade permeada por riscos impostos ou auto infligidos, configura-se como um período da vida de extrema vulnerabilidade.

Se dividirmos a população em dois grandes grupos: *os jovens*, de 15 a 24 anos, e *os não-jovens*, de 0 a 15 e 25 e mais anos, teremos na população *não-jovem* 9,8% de mortes atribuíveis a causas externas, enquanto entre os *jovens* as causas externas são responsáveis por 72%, como demonstra o gráfico.



Unesco, 2005.

Essas estatísticas encontram-se no relatório Mapa da Violência da Unesco, principal fonte de dados e informações sobre o tema. Publicado bienalmente, o estudo traz os índices mais recentes sobre a violência nos âmbitos nacionais e internacionais e seus efeitos potencializados na população jovem. Em seu último Mapa<sup>2</sup> (2005) o estudo traçou comparações internacionais realizadas em 67 países e evidenciou que o Brasil ocupa o quarto lugar nas taxas de homicídio no que se refere à população em geral e o quinto na sua população jovem. O primeiro lugar é ocupado pela Colômbia, país onde o tráfico também é o principal aliciador da criminalidade, entretanto em alguns estados brasileiros como Maceió e Recife as taxas de mortalidade superam as colombianas. A América Latina é o continente mais vulnerável tendo Colômbia, Venezuela, El Salvador e Brasil como os principais representantes. Para se ter uma idéia da discrepância das taxas de mortalidade entre os continentes, comparado com o resto do mundo, o jovem latino-americano tem 30 vezes mais chances de ser vítima de homicídio do que um jovem europeu.

Recentemente o Laboratório de Análise da Violência da Uerj lançou a pesquisa Índice de Homicídios na Adolescência (IHA)<sup>3</sup> que pretende estimar o risco de mortalidade por homicídio de adolescentes que residem em um determinado território. “Ele foi criado com o objetivo de exemplificar o impacto da violência letal neste grupo social de uma forma simples, sintética e que ajudasse na mobilização das pessoas para a gravidade do problema.” O IHA serve como complemento para as informações já fornecidas pelos Mapas da Violência e os Relatórios de Desenvolvimento Juvenil da Unesco. A contribuição do Índice para essa pesquisa deve-se a sua especificidade nos municípios e a atualidade de seus dados. O estudo do Lav-Uerj foi estabelecido através da junção dos dados do Sistema de Informação de Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM) e os dados de população do IBGE.

O IHA realizou uma análise preliminar em 267 municípios com mais de 100 mil habitantes e estabeleceu o número de morte de jovens por homicídios que

---

<sup>2</sup>WAISELFISZ, J.J. Mapa da violência IV: jovens do Brasil, UNESCO, 2005.

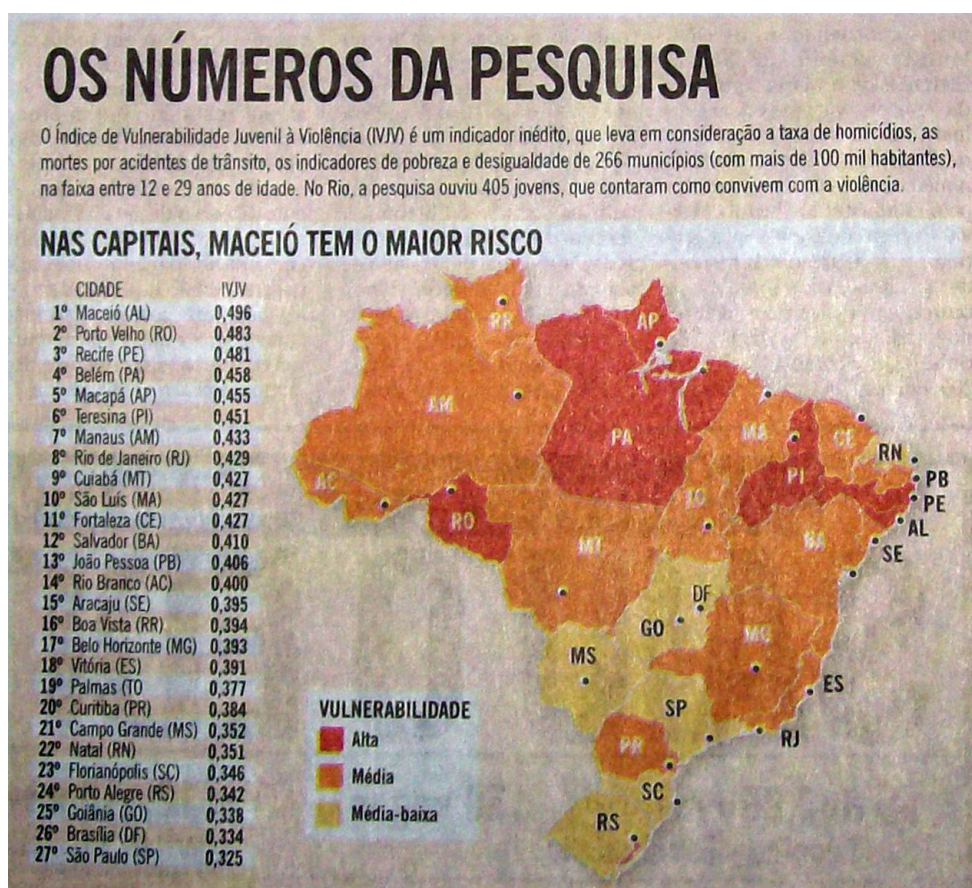
<sup>3</sup> *Índice de Homicídios na Adolescência: Análise preliminar dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes*, Julho de 2009.

esses municípios estão sujeitos se as taxas permanecerem inalteradas, ou seja, se nada for feito em favor dessa população. O estudo levou em conta variações de risco por cor/raça, faixa etária, sexo e meio utilizado (armas de fogo, outros meios). Analisando as variáveis percebe-se que as taxas atingem seu pico na faixa de 20 a 24 anos, vitimiza mais jovens do sexo masculino, negros e o risco de morrer vítima de homicídio cometido por armas de fogo é três vezes maior do que por outros meios. Esse risco varia em alguns estados. No Rio de Janeiro, Espírito Santo, Pernambuco e Alagoas o risco de ser vitimizado por arma de fogo chega a seis vezes o risco referentes a outros meios.





Outro indicador importante lançado durante a produção da dissertação é o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência (IVJV). Desenvolvido pelo Ministério da Justiça e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o IVJV tem abrangência e recorte etário similares ao IHA. O diferencial reside nos fatores levados em conta pelo estudo do Ministério da Justiça. Enquanto o IHA foca-se na probabilidade de homicídios o IVJV considera além das taxas de homicídios, as mortes por acidentes de trânsito, indicadores de pobreza e desigualdade. Neste sentido, em consonância com essa dissertação o Índice trabalha com o conceito de vulnerabilidade enquanto uma categoria mais ampla, produto da junção de múltiplas condições de desvantagem.



O Globo/O País, 24/11/09

Em comum, todos os estudos incluindo o presente trabalho têm a intenção de alertar para a gravidade do problema e reafirmar a necessidade de governo, pesquisadores e sociedade em geral trabalharem de forma articulada e pactuada em prol da juventude.